



Na entrada do asilo,  
Um homem robusto, jovem e tranqüilo,  
Apresentava o pai, um velho que contava  
Oitenta e dois janeiros de existência,  
À funcionária atenta que o ouvia...  
Após sentá-lo num pequeno banco,  
Falou à moça em tom seguro e franco:



— “O velho já não sabe o que pensa ou o que diz,  
A gritar e a gemer de exigência à exigência,  
Formou de minha casa  
Um recanto infeliz,  
Cujo clima de luta é fogo que me arrasa.  
Não quero ver meu filho  
Crescendo com o avô inconveniente,  
Quero-lhe a internação  
De modo permanente.  
Quanto custa a pensão?”  
A moça respondeu indiferente:  
— “A pensão é de quatro mil cruzeiros  
A serem pagos mensalmente”.

O senhor fez o cheque  
Fazendo o pagamento da quantia  
E depois de informar que voltaria,  
Foi-se ao pai fatigado, explicando ao velhinho:  
— “Meu pai, aqui é a nossa casa de descanso  
Terás aqui mais sossego e carinho,  
Ao voltarmos da Europa  
Virei buscar-te, imediatamente”

O pranto deslisou sobre a face enrugada  
E o velho respondeu em voz tremente:  
— “O que será, meu Deus? Que medonho empecilho!...  
Estar aqui a sós, sem te encontrar, meu filho!...  
E como agüentarei a falta de meu neto?  
Não queria afastar-me de meu teto!...  
Peço por Deus!... Não te demores  
E vem logo buscar-me...”





O filho replicou, quase asperamente:  
— “Sem dúvida, meu pai, que podes esperar-me,  
Mas não faças alarme...  
Nada fará de mim um filho diferente;  
Creio que ao fim do mês que vem,  
Regressarei como convém...”

Mas o moço partiu e nunca mais voltou,  
E ante a expressão do velho, triste e amarga,  
Notava-se que o filho ali se despedira  
Como quem se desliga de uma carga,  
Agindo alegremente.

O velhinho viveu por lá, três anos,  
De saudade, de dor e desenganos  
A esperar pelo filho desertor;  
A fadiga alterara-lhe a memória,  
Não sabia contar a própria história,  
Declarava-se um rico possuidor  
De terras e fazendas produtivas,  
Mas entregara tudo ao filho sem amor  
Numa procuração,  
Sem julgá-lo capaz de alguma ingratidão,  
E embora o filho lhe pagasse o asilo,  
Sem questionar o preço,  
Não lhe enviava notas de endereço...  
Após trinta e seis meses de clausura,  
O velhinho ralado de amargura,  
Morreu clamando a falta da família...  
O cadáver desceu à vala da indigência,  
Por fim se lhe acabara a penosa existência.



Mas o tempo não pára em parte alguma...  
Quarenta anos passados,  
De coração batido e passos retardados,  
O homem que internara o esquecido velhinho,  
Nota que a morte chega a cercar-lhe o caminho,  
Poderoso senhor, não consegue expressar-se  
Sob qualquer disfarce,  
Tomba, inerte, no leito,  
E ante o infortúnio da separação,  
Grita por Deus, quer vida e proteção,  
Mas a morte o reclama... O corpo se lhe esfria...  
Vê-se desencarnado, em noite atroz,  
Terrível e sombria...  
Chora quase sem voz,  
Quando sente que alguém lhe toma o cérebro cansado,  
E lhe diz brandamente:  
— “Filho do coração, não te aflijas, nem temas,  
Acabaram-se agora os teus problemas;  
Confia em Deus, não percas a esperança,  
Acalma-te e descansa...”  
E beijando-lhe os cabelos,  
Dedos mostrando carinhosos zelos,  
Exclamou com ternura:  
— “Agora, sim, achei minha ventura,  
Eu sou teu pai!... Meu filho, estou aqui...  
Amo-te agora, mais do que te amava,  
E só Deus sabe a dor com que eu chorava  
Com saudades de ti!...”